

ASPIRAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE O FUTEBOL DE BASE NO BRASIL

*ETHNOGRAPHIC ASPIRATIONS CONCERNING
BASE SOCCER IN BRAZIL*

Júlio César Jatobá Palmiéri

RESUMO: Os jogadores de futebol são possuidores de talentos variáveis, o que os distingue numa escala mercadológica que dinamiza sua circulação pelo mundo do futebol, por assim dizer. A noção de fabricação do dom futebolístico, ou capacidade para se jogar futebol, relacionada à fabricação da “pessoa futebolista”, é construída aos poucos, de modo que devemos estar atentos aos momentos em que os atletas se encontram nas carreiras. Assim, o dom futebolístico, como uma representação, é acionado por diferentes atores, de diferentes formas, em diferentes momentos, a depender da configuração que se apresenta no percurso da carreira, estando sujeito continuamente às alterações e interpretações variadas. Este trabalho apresenta uma breve discussão com o intuito de aprofundar a compreensão da lógica pela qual se dá tal processo de produção e circulação de jogadores e entender como valores são gerados a partir deste processo, debatendo alguns conceitos utilizados, como técnica, linhas e trajetória.

PALAVRAS-CHAVE: jovens futebolistas; produção; circulação; valorização.

ABSTRACT: *Football players have variable talents, which distinguish them in a market scale that gives dynamism to their circulation around the football world, so to speak. The notion of manufacturing the football gift, or the capacity of playing football, related to the fabrication of the “footballer person”, is built little by little, so we must pay attention to the moments the athletes are in their careers. So, the football gift, as a representation, is activated by different actors, in different ways, in different moments, depending on the configuration that is presented along the career, being continuously subject to changes and various interpretations. This paper presents a brief discussion aiming to go deeper in understanding the logic by which the process of production and circulation of players and understanding how value is generated from this process, highlighting some of the concepts used, such as technique, ability and trajectory.*

KEYWORDS: *football; young players; production; circulation; valorization.*

O sol de novembro na fronteira entre Brasil e Uruguai castiga quem se arrisca a enfrentá-lo, ainda mais logo às 15hs, quando nossos vizinhos, então, praticam a *siesta*. Conhecida nos países de colonização espanhola, tal prática é comum em todo o território uruguaio, principalmente no interior. Quando a temperatura cai um pouco voltam todos ao trabalho, desta vez até depois de o sol se por. Naquela tarde quente do dia 18 de novembro, Brasil e Colômbia abriram o V Sul-americano sub 15 de futebol masculino 2011, no estádio Atilio Paiva Olivera, distante dois

quilômetros da fronteira, Rivera adentro. O gramado estava impecável e não havia uma única nuvem no céu. Aquelas foram duas semanas atípicas, semanas em que foi preciso cruzar uma fronteira para ver um, ou vários jogos de futebol. Importante notar que foram incontáveis os deslocamentos, desde Santana do Livramento, no lado brasileiro.

Logo nesta primeira partida que acompanhei, pude estranhar o nível do torneio. Minha experiência com jogos oficiais da categoria infantil limitava-se ao dito bom Campeonato Paulista, a partir de uma etnografia empreendida junto ao São Carlos FC, um dos clubes observados e de que trata este artigo. *Especialistas* (TOLEDO, 2002) e demais envolvidos que trabalham com futebol – treinadores, dirigentes, agentes e ainda alguns torcedores que acompanham com mais afinco – apontam os campeonatos do eixo Rio-São Paulo como os melhores do país. Não está claro o real motivo para esta assertiva, que se encaixa melhor ao futebol profissional, mas que se estende às categorias de base. O fato é que a pujança econômica dos estados, sua alta densidade demográfica e a recorrência de um discurso que é produzido e alimentado exatamente a partir desta região – como que de “dentro para fora” – e que permanece há anos e anos assim estabelecem o nível entre os torneios nacionais. Há que se notar que nestes locais estão concentrados boa parte dos considerados grandes clubes brasileiros, o que leva nossos informantes a bem avaliarem, também, os torneios no Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais.¹

Sendo assim, aponto que assistir àqueles que são considerados os *melhores jogadores* da geração 1996/1997 do continente torna o jogo quase outro. A intensidade é diferente – os garotos parecem mais experientes e mais fortes –, a qualidade técnica é bastante refinada para atletas tão jovens e todo o aparato que cerca o torneio deixa tudo mais pomposo, digamos: os uniformes oficiais com os nomes de cada jogador às costas, bandeiras, hinos nacionais, os idiomas diferentes e os sotaques variados.

Já fora de campo, o clima é mais parecido com o que estamos acostumados a ver em gramados brasileiros quando o assunto é futebol de base. O incentivo e energia dispendidos por torcedores, dirigentes, treinadores e pais, desde a arquibancada, é um processo intrínseco a este cenário. Neste caso aqui apresentado estamos a observar atletas de no máximo quinze anos de idade – alguns têm catorze – o que implica, às vezes, na presença de pais e mães junto a seus rebentos,

1 Uma breve ilustração de nosso quadro: para este torneio sul-americano sub 15 foram convocados, em 2011, vinte atletas: treze atuavam por clubes cariocas, três por paulistas, mais três no Rio Grande do Sul e um da Bahia. Em 2013, para o sul-americano sub 17, disputado em abril na Argentina e que abarca a mesma geração de atletas – aqueles nascidos entre 1996 e 1997 –, foram convocados vinte e cinco atletas: foram oito cariocas, sete paulistas, sete gaúchos e três paranaenses.

mesmo bem longe de casa. São ainda adolescentes, mas já recebem um salário que muitos brasileiros não imaginam um dia receber, alimentação administrada por especialistas e vida regrada, contratos de patrocínio que sustentam, muitas vezes, vários familiares.

Como aponta a primeira nota de rodapé deste texto, boa parte do grupo brasileiro em 2011 foi formado por cariocas, o que gerou algumas reclamações por parte de clubes de outras regiões do país sobre as escolhas do treinador Marquinhos Santos: ele estaria privilegiando os clubes e o próprio campeonato carioca em detrimento dos demais. As visões são variadas, no entanto: clubes podem ver com bons olhos a convocação de um atleta para a seleção, o que o valorizaria, especialmente se este estiver com contrato profissional assinado e multa rescisória estabelecida. Do contrário, se ele ainda tem menos de dezesseis anos – o que significa que ainda não tem contrato profissional – ou já atingiu a *maioridade futebolística*² e continua sem vínculo, o clube pode evitar expor o jogador a outros talvez mais fortes e mais ricos, ou até mesmo para grupos de empresários que investem em jogadores de futebol, representando, ou não, um clube. O que temos, então? Poucos garotos sub 15 já de contrato assinado com seu clube, e o salto adiante, o sub 17, onde quase todos já possuem acordos que podem ser de no máximo dois anos; completados os dezoito anos, podem assinar acordos de até cinco anos de duração.

Os campeonatos de base no Brasil são, em sua maioria, organizados pelas federações estaduais, filiadas à CBF. Esta ainda organiza torneios de caráter nacional, como o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil, para cada categoria em separado. Além disso, no calendário da base brasileira constam competições organizadas por empresas privadas que investem em futebol. Percebemos, assim, que aliados ao processo de formação pelo qual passam estes futebolistas, do qual os campeonatos oficiais formam parte importante, temos, concomitantemente, espaços nos quais eles são testados, como num torneio recheado de agentes e observadores de outros clubes e até mesmo dos tais grupos empresariais, ou seja, organizações privadas que investem dinheiro no esporte através do controle dos direitos federativos de jovens futebolistas.

Tomando este *cenário etnográfico* do futebol de base no Brasil, o trabalho rumou para mais um clube brasileiro quando conheci as instalações do CR Vasco

2 Chamo atenção aqui para este termo, que se refere à idade chave do futebol brasileiro de base. A chamada Lei Pelé (Lei n. 9615/1998) determina, entre diversas outras coisas, que um atleta só pode assinar contrato profissional com um clube quando completar dezesseis anos. Antes disso ele treina e joga sem vínculo trabalhista mas, como estamos vendo, recebe salários ou ajuda de custo, algum montante financeiro que represente isso. A passagem dos quinze aos dezesseis anos, na prática do infantil ao juvenil, é muito importante e, talvez por isso, eleita como cenário de observação.

da Gama, o segundo pesquisado. Após o torneio sul-americano, chamou-me a atenção o que estava acontecendo em gramados cariocas, com tantos atletas convocados e tendo em vista que, até então, somente havia me dedicado aos torneios paulistas – neste e noutro trabalho (PALMIÉRI, 2009), quando fiz etnografia em três clubes deste estado: São Paulo FC, SE Palmeiras e AA Ponte Preta.

Teve início, então, a partir da linha 362 do coletivo, desde o centro antigo do Rio de Janeiro até o bairro de São Cristóvão, pela manhã e no contrafluxo do pesado tráfego, somado a uma rápida caminhada que separa a movimentadíssima Avenida Brasil da entrada da casa vascaína, o estádio São Januário. Um percurso que permitiu a seguinte percepção: um bairro de ruas acanhadíssimas e apertadas, que recebem muitas pessoas, cachorros, carroças, carros, motos, ônibus e caminhões dividindo as estreitas passagens. Há diversas barracas pelas calçadas que vendem de verduras a bugigangas eletrônicas. São incontáveis bares a cada esquina, a maioria com o escudo da nau vascaína. Somente então consegui visualizar, ainda que de modo bastante suavizado, o que pode ser chegar como visitante àquele estádio num dia de jogo. Entre idas e vindas, percorri este caminho por cinco vezes em dez dias – entre 04 e 14 de março de 2012.

Após algumas reuniões com a cúpula que cuida das categorias de base do clube, obtive a permissão para acompanhar os treinamentos das equipes vascaínas. Numa manhã fresca de terça-feira, em março, cheguei a São Januário por volta das 7h, como combinado, e me dirigi ao portão nove, do outro lado da entrada principal. Lá pude ver os primeiros garotos vindos da casa de seus pais e os demais que moram ali mesmo, nos alojamentos do estádio. Eles aguardavam pelos ônibus que os leva todos os dias até Itaguaí, cidade portuária distante sessenta quilômetros a oeste da capital, a sede do futebol de base do clube. Numa fazenda alugada, que pertence ao ex-jogador Pedro Luís Vicençote,³ o Vasco treina três de suas categorias de base. Além de uma casa onde mora a família de *seu* Gilson, caseiro que cuida do lugar com seus sete cachorros, há um centro que serve como alojamento para cerca de setenta jovens atletas com quartos, refeitório, piscina e salas de convivência. São sete campos no total, quatro deles em tamanho oficial, todos com um gramado que recebe dedicado tratamento diário de João, filho do caseiro. No principal deles há telas de alambrado e uma pequena arquibancada, além de um vestiário e cantina. O Vasco manda ali seus jogos.

O período de etnografia por lá empreendida deu sequência àquilo que vi nos gramados pelo Uruguai. Cinco dos onze titulares do selecionado sub 15 do Brasil

3 Pedro Luís Vicençote (22/10/1957), também chamado no Vasco de Pedrinho, é ex-jogador profissional de futebol com passagens por SE Palmeiras, CR Vasco da Gama, Bangu AC e Calcio Catania, da Itália.

jogavam no Vasco quando foram convocados para defender a seleção brasileira. Três meses depois, dois deles já não mais alimentavam o sonho de buscar a carreira profissional, ou seja, suas vidas se dispersaram daquele ambiente do Vasco por motivos que logo vamos esclarecer, enquanto os outros três continuavam a suar a camisa sob o sol forte do interior do Rio de Janeiro.

O olhar que aqui apresentamos sobre a carreira de um futebolista, acredito, procura captar de um modo peculiar as tênues relações produzidas a partir do contato entre pessoas e coisas. Quero dizer que caminhar por aquilo que o sensível nos mostra nos ajuda a buscar compreender melhor as forças empregadas em cada ato, cada chute, cada dia de treinamento pesado enfrentado pelos garotos da seleção brasileira e do Vasco. Mas seguir este caminho não nos livra da complexa relação de proximidade/distanciamento. Lembro aqui Lévi-Strauss quando nos aconselha que

para penetrar nas sociedades de acesso difícil, o antropólogo deve se pôr muito no exterior (...) e também muito no interior, pela identificação do etnólogo com o grupo cuja existência ele divide, e pela importância que ele deve atribuir – na falta de outros meios de informação – aos menores matizes da vida psíquica dos indígenas. (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 31-32)

O antropólogo francês está aqui a falar de *alteridades radicais* (PEIRANO, 1999). Nosso contexto, obviamente, é outro, mas este trabalho não escapa às armadilhas apontadas por Lévi-Strauss. Digo que algo nos aproxima em relação a esse movimento metodológico de distanciamento e proximidade. Apesar da aparente familiaridade que se estabelece entre etnógrafo e esses jovens aspirantes a jogadores convido o leitor a pensar quão estranha possa ser a presença de um antropólogo especulando sobre a carreira de um jovem de quinze anos, seja interpelando o próprio jovem, seja travando algum diálogo com familiares que atentamente o acompanham. E para esses informantes, o que seria um antropólogo? E o que ele quer com a vida do meu filho? Pergunta no mínimo razoável ouvida pelo pesquisador diante dos responsáveis e pais. Se fosse um jornalista, tais indagações seriam outras ou de outro teor, já que no contexto do profissionalismo e no imaginário do futebol este profissional estaria plenamente absorvido pelas engrenagens que participam da produção da imagem dos atletas e do seu dom. Está aí estabelecida, de pronto, uma distância. Um longo caminho que, como se sabe, é difícil de ser percorrido e que precisa ser repensado a todo momento.

Prefere-se, como tento mostrar, adotar uma postura que busca compreender o outro através de seu contato com o mundo, por assim dizer. Materiais, fluxos, substâncias, luz, som, líquidos e texturas: as coisas são vivas, e os homens também, o que implica dizer que daí emergem as formas de paisagens nas quais vivemos.

Se estiver frio, é preciso alongar os músculos de modo mais intenso e cuidadoso. Se o campo estiver molhado faz muita diferença e o jogo já não é mais o mesmo. Se a bola quicar antes do goleiro, então... Condições que se colocam ainda mais sensíveis ou decisivas no domínio do aprendizado dos jovens em competição por um espaço tão restritivo que são as categorias de base, onde as avaliações sobre as competências são rigorosas e vão além do aprendizado e incorporação de técnicas corporais. Caminhamos neste sentido, ao invés de procurar interromper os fluxos de substância que dão vida às coisas. Ao contrário, é preciso buscar por esses fluxos, por essas interações entre as coisas que cercam esses neófitos. Coisas que, de acordo com Ingold (2012), não são fechadas em suas superfícies “externas e congeladas”. Coisas são e estão vivas, em movimento. Antes de existirem elas ocorrem, atuam e sofrem ações. Essas coisas se movem e crescem porque estão vivas e não porque possuem algum tipo de *agência* (GELL, 1998). Creio ser fundamental pensarmos deste modo quando direcionamos nosso olhar para a formação de um futebolista em busca do profissionalismo. Esta ideia precisa permanecer no horizonte. Mover-se, deslocar-se, dentro de campo e na própria vida.

EM MOVIMENTO

Adiantando e já fazendo aqui um breve arrazoado metodológico sobre os usos que farei do conceito de *linha* proposto por Ingold (2007), suponho que este seja mais abrangente e que tenha mais rendimento se o compararmos ao uso mais comum emprestado à noção de *trajetória*, termo de amplo domínio na fala dos agentes e também na bibliografia que recorta o tema dos jogadores de futebol. Linhas impõem continuidades mais do que descontinuidades, o que resulta em pensar aqui até mesmo num pré-futebol de base, isto é, um futebol que é jogado e incorporado pelos jovens antes mesmo que cheguem às escolinhas ou clubes. *Trajeto*rias implica um direcionamento do olhar etnográfico um tanto limitado, unidirecional, focado no *para frente* ou *para trás* de uma memória individualizante ou pontual. Linhas indicariam que os caminhos da vida passam por, se entrecruzam, acima e abaixo, formam emaranhados (*meshworks*). Não é o caso de contrapô-los de maneira rigorosa e de forma antitética; trata-se, antes, de um ajuste na percepção que condiz melhor com o modo com que venho colhendo os dados numa *etnografia multissituada* (MARCUS, 1995). Este artigo se propõe a apresentar o futebol de base inspirado nessa perspectiva.

Ao tentar visualizar os percursos desses jovens aspirantes à carreira futebolística a noção de movimento parece mais do que uma metáfora. Esse movimentar,

que poderia trazer consigo a noção de *trajetória*, parece mais complexo que a unilinearidade que esta última evoca. Os deslocamentos parecem se dar em linhas mais tênues e não há um futuro previsível para seus destinos no futebol. Daí pensarmos na multiplicidade de movimentos que, como um compósito, vão delineando suas experiências e enunciando linhas em relação. Por isso a dimensão da incerteza permeia os traçados move-diços que envolvem esses jovens no campo do futebol de base. Escolhas prévias são desmentidas, vocações surgem inesperadamente, deslocamentos são feitos no transcurso das relações que estabelecem com treinadores, técnicos, dirigentes, agentes, mas também com centros de treinamento, clubes, condições materiais que irão delinear percursos de sucesso ou fracasso. Daí os cuidados com o uso do termo *trajetória*, espécie de *ilusão biográfica*, para utilizar uma discussão de Bourdieu (1996), que supõe retrospectivamente alguma coerência no encadeamento dos acontecimentos explicados no presente.

Os exemplos que cito agora para elucidar o quadro foram colhidos pela etnografia e são inúmeros. Com eles procuro indicar que para além da produção da corporalidade, seguindo a fórmula *maussiana*, há que se levar em consideração a materialidade que cerca o movimento desses atletas. Descentraliza-se, assim, o sujeito cognoscente que aprende técnicas (MAUSS, 2003), mas que ganharia autonomia diante da materialidade do mundo. Da perspectiva *ingoldiana* as relações com o meio se dão de modo mais sutil ou mais tenso, e percebe-se a produção de relacionalidades que se apresentam múltiplas. Márcio, um canhoto aspirante a volante e capitão da equipe juvenil do Vasco, deixou a família no interior do Pará para morar em São Januário. Muito calmo e sempre com sorriso no rosto, Márcio parece sempre disposto a trabalhar e somente uma vez por ano retorna à sua violenta cidade natal para rever os parentes. Daniel, atacante, é outro a atravessar o país para jogar futebol. Deixou seu estado, o Amazonas, aos onze anos para fazer um teste no Vasco. Foi aprovado e desde então tem sido artilheiro do time em diversas competições. Aos dezessete anos é forte, rápido e bastante refinado ao tocar na bola. Outro deslocamento, observado num outro contexto de pesquisa – desta vez em São Carlos – era realizado pelo atacante Lucão, que deixou os pais em Araraquara para defender o clube da cidade vizinha, o São Carlos FC. As duas cidades estão muito próximas – cerca de quarenta e cinco quilômetros, num percurso que poderia ser feito diariamente. Todavia, não para seu pai: “Ah, não dá. Ele tem que fazer parte do grupo, né. Tem que estar no dia a dia, senão é como se não estivesse aqui”. Há ainda outros que vinham a São Carlos, semanalmente, de Itirapina, Descalvado e Ibaté, todas cidades vizinhas.

Futebolistas também se movimentam dentro de campo, afirmação um tanto óbvia, mas que traz implicações no que se refere à dinâmica de incorporação das

técnicas necessárias ao aprendizado dos fundamentos e, mais uma vez, notamos que tais técnicas não estão dissociadas do contexto e interação que se estabelecem entre os jovens, suas capacidades aprendidas e o contexto em que são manipuladas. Vejamos: correr e deslocar-se são atividades inerentes aos que praticam este esporte, porém, tais deslocamentos podem ser percebidos como sendo mais profundos, colocados à prova num outro plano, como numa troca de posição. Bruce chegou ao clube cruz-maltino⁴ com apenas doze anos de idade para ser atacante. Difícil imaginar o agora camisa 3, que desarma os adversários e ganha quase todas as bolas aéreas, jogando como atacante e vestindo a camisa 9. Bruce foi recuado, moveu-se lá da linha de frente para a dos defensores, o penúltimo bastião de segurança que tem uma função tão importante quanto básica: evitar que o time seja vazado. O mesmo aconteceu com Wellington Foguete: também de atacante a defensor, mas este veste a camisa 2, clássica dos laterais-direitos. Muito rápido e habilidoso, faz jus à alcunha: parte para cima dos adversários sem pestanejar aproveitando-se da leveza de suas pernas curtas. Parece ser bem difícil alcançá-lo. Suas atuações pelo Campeonato Carioca e seleção brasileira lhe proporcionaram uma grande mudança, quando deixou seu estado natal para viver em Cotia-SP, no centro de treinamento das categorias de base do São Paulo. Seu outrora treinador na seleção brasileira infantil, Marquinhos Santos sempre recorria ao inicialmente lateral esquerdo Yan Peter, titular da seleção brasileira no sul-americano sub 15, quando intentava fazer alguma alteração durante as partidas. Trocava atletas e alterava o sistema de jogo, mas seguia com o garoto do Internacional no time: ora ele atuava na linha dos volantes, do lado esquerdo, ora na linha de três meio-campistas, também na mesma faixa, além da lateral esquerda, sua posição de origem até então. Yan foi pré-convocado para o sul-americano sub 17 2013 na Argentina, entre os dias 2 e 29 de abril, como atacante, sua atual posição. No entanto, ficou de fora da lista final do treinador Alexandre Gallo, mas segue jogando no time colorado de Porto Alegre.

E há ainda outra movimentação observada: aquela por entre as categorias de base. Essas divisões, ou classificações podem se mostrar extremamente rígidas, impedindo idas e vindas e exigindo que requisitos sejam cumpridos à risca, principalmente quando analisamos competições oficiais e seus onipresentes limites de idade. Mas a depender da conjuntura alguns garotos podem pular etapas e passar do infantil ao júnior, por exemplo, mesmo que temporariamente. De acordo com o discurso hegemônico podem ocorrer ganhos e perdas, o que influencia, em

4 A expressão se refere à cruz de malta, símbolo católico que há muito tem ligações com os portugueses, o grupo de imigrantes majoritário envolvido na fundação do clube. O símbolo está presente no escudo do clube e estampado na camisa.

alguma medida, o futuro dessas carreiras. Os exemplos, mais uma vez, são inúmeros: no início de 2012, quando acompanhei os juvenis do Vasco, parte daquele grupo debutava na categoria – aqueles nascidos em 1996. Os nascidos em 1995 já estavam no segundo ano de sub 17. Durante a temporada, alguns daqueles, os mais novos, como Matheus Índio e Danilo, disputaram torneios na categoria acima, o sub 20. Defenderam o clube no Campeonato Brasileiro sub 20 e na Copa São Paulo 2013, competição que nesta última edição limitou a participação de atletas com até dezenove anos de idade. É muito comum, e isso foi visto tanto no Vasco como no São Carlos – os dois clubes etnografados – jogadores neste estágio (juniores, portanto sub 20) *subirem* e depois *descerem* de categoria, defendendo os profissionais nalguma competição, mas que tão rápido retornam à base, seja pela falta de espaço no elenco maior, seja pela falta de preparo físico, técnico e até mesmo psicológico, algo que é lido e definido por aqueles que trabalham no dia a dia do clube.

Apresentadas algumas facetas do campo realizado para este trabalho, o texto agora rumo para a mescla entre situações cotidianas flagradas nestes cenários e algumas considerações mais teóricas. As observações coletadas a partir do cotidiano de jovens futebolistas indicam que devemos atentar para os eventos em suas vidas que, inevitavelmente, os levam a caminhos variados. Desde o trabalho de campo, percebemos e trabalhamos aqui com alguns conceitos relacionados a este pequeno universo, como técnica, trajetórias, linhas e movimento.

IDAS E VINDAS

Três meses após o sul-americano sub 15, reencontrei três dos cinco atletas vascaínos que serviram na seleção no Uruguai. Os já citados Danilo, Matheus Índio e Wellington Foguete treinavam normalmente em Itaguaí. Na semana anterior àquela na qual iniciei minhas observações, em março de 2012, eles se ausentaram por servir na seleção brasileira mais uma vez, agora em amistosos na Espanha e Catar. Ao chegar para o primeiro treino da semana foram incessantemente atormentados pelos colegas, que pediam presentes do tal mundo árabe quando da próxima viagem. Seus dois outros colegas, Thiago Mosquito e Heitor Baiano, haviam se desligado do clube por diferentes motivos: o primeiro não chegou a um acordo para assinar seu primeiro contrato profissional no Vasco; diz-se, pedia muito, ele e seu *staff* – formado pelo padrasto e pela mãe. O segundo, descobriu-se, era *gato*:⁵ Heitor, na verdade Fabrício, nascido no interior da Bahia quatro anos antes do que

5 Gato é o termo utilizado no meio futebolístico para nominar atletas que alteram a idade e os documentos. Surgem de modo recorrente no futebol.

diziam seus documentos. O próprio clube afirma ter sido enganado, mas o fato é que já se via muita força física no volante que não perdia a posse da bola. Quase nunca. Também pudera: jogava com garotos de quinze anos quando tinha, na verdade, dezenove. Vale aqui um breve comentário: do ponto de vista físico há uma diferença brutal entre um atleta infantil e outro júnior. Na verdade essa diferença é bastante considerável já com relação aos juvenis. Apenas um ano representa muita diferença também com relação à maturidade, técnica e trato com a bola.

Temos, portanto, a interrupção da carreira de dois jovens futebolistas com posterior retomada, ainda que perturbada, de percursos que tinham tudo para serem vencedoras, diz-se, de sucesso ou de realização. Em fevereiro de 2013, depois de ser proibido de disputar dois campeonatos da categoria juvenil (Campeonato Brasileiro sub 17 e Copa Rio sub 17), seguindo o tal trato entre os clubes, o CA Atlético PR pagou R\$ 750 mil ao Vasco da Gama e pôde, finalmente, assinar contrato profissional com Thiago Mosquito. Na prática, o acordo deixou o garoto livre para jogar futebol e não mais impediu seu clube de utilizá-lo. Ele foi convocado para a seleção brasileira sub 17 no início de março pelo treinador Alexandre Gallo⁶ e disputou o Campeonato Sul-americano da categoria na Argentina. Segue no grupo de selecionáveis, inclusive para o Mundial sub 17 a ser jogado entre outubro e novembro de 2013 nos Emirados Árabes Unidos. Já Baiano sofreu uma lesão no joelho logo após sua farsa ser descoberta. No Vasco pensaram que sua carreira havia terminado. No entanto, após se recuperar no clube – ele ainda tinha contrato – foi deslocado para os juniores, ou seja, para a categoria onde cabia, e dado o destaque e o trabalho realizado, chegou ao profissional, sendo inclusive escalado como titular em alguns jogos do Campeonato Brasileiro 2013. As outras três vidas futebolísticas seguiram um caminho mais seguro, embora longe de evitar intempéries. Danilo e Matheus Índio seguem atuando pelo Vasco e a seleção brasileira, agora sub 17, diferentemente de Foguete, já transferido para o São Paulo e fora do selecionado nacional. Ingold (2011) fala em *trajectory of becoming*, uma espécie de *devir-caminho* que será definido, contemplado ou mesmo escrito com o passar dos dias, dos treinamentos, dos jogos e das conquistas da vida. Chamamos atenção exatamente para esse tipo de olhar, de modo a procurar as múltiplas forças que se sobrepõem a jovens garotos que veem no futebol a única maneira de ter um futuro minimamente – ou maximamente – confortável. Falemos, então, de algumas destas forças.

Não basta qualidade técnica para ser um futebolista profissional. As observações já realizadas pelo que se tem denominado de antropologia das práticas espor-

6 Alexandre Gallo é ex-jogador profissional e atualmente treinador com passagens por doze clubes brasileiros – além de um japonês e outro dos Emirados Árabes Unidos. Desde o início de 2013 é o coordenador das seleções de base da CBF e comanda as equipes sub 17 e sub 20.

tivas nos possibilitam, em parte, uma gama interessante como base de apoio tanto teórico como na parte etnográfica, fundamental. E a tal *ciência do esporte*, por exemplo, indica que além do apuro dos fundamentos técnicos da prática, é necessário um aprimorado preparo físico e alimentar.

Em se tratando especificamente da vida dos potenciais jogadores, a família é uma variável sempre presente, a força motriz financeira, mas, sobretudo moral e a primeira a receber os benefícios de uma carreira que começa a deslanchar. Os pais de alguns garotos que disputaram os sul-americanos sub 15 e sub 17, por exemplo, acompanharam-nos durante toda a viagem pelo países vizinhos por cerca de vinte e cinco dias, em média.⁷ De fato, pareciam ter investido uma considerável quantidade de dinheiro naquela viagem. Hospedaram-se em hotéis, comeram em restaurantes nas cidades visitadas e andaram de táxi pela fronteira. Muitas vezes se vestiam com peças de uniforme da seleção brasileira, muito provavelmente obtidas pelos filhos atletas. Ao final de uma das partidas, flagrei o meio campo Índio conversando com seu pai junto ao alambrado. Ele pedia que comprasse um novo mp3, aparelho eletrônico que toca músicas e as armazena em grande quantidade. O seu havia quebrado. Embora não seja possível indicar ao certo quem são exatamente esses familiares – se pais, irmãos, primos, ou até mesmo amigos, já que a relação de proximidade e distanciamento em cada seio familiar particular atinge uma variabilidade incrível, afirmo que de algum modo o estágio em que esses atletas se encontravam em suas carreiras fez com que levassem consigo aqueles que lhes estão mais próximos, como se levassem a casa consigo.

Acompanhar o cotidiano de garotos do futebol de base no Brasil, no contexto de um *grande* clube como o Vasco ou *pequeno* como o São Carlos FC, mostra bem que ser jogador de futebol não significa jogar bola todo dia. Pelo contrário: o jogar bola neste nível significa trabalho e, então, todo o quadro é alterado e aquilo que parecia prazer torna-se obrigação, e obrigação com altíssimo grau de cobrança. Excelência na realização de cada movimento é a chave para tentar entender este pequeno universo.

Frisamos que a palavra trabalho é constantemente utilizada não importa quem seja o interlocutor. Inicialmente soava-me estranho ouvir os garotos do sub 15 dizendo “vamos trabalhar, galera!”, mas logo me acostumei. Numa manhã de quinta-feira no ct-fazenda em Itaguaí os juvenis se atrasaram e apenas os coman-

7 Formaram uma comitiva os pais de Caio Rangel (atacante – CR Flamengo), Robert (meio campo – Fluminense FC) e Matheus Índio (meio campo – CR Vasco da Gama), o pai de Yan Peter (lateral esquerdo – SC Internacional) e o padrasto e a mãe de Thiago Mosquito (atacante – CR Vasco da Gama). Já durante o sul-americano sub 17, em 2013 na Argentina, estiveram presentes os pais e a irmã de Caio Rangel, os pais e um tio de Matheus Índio e os pais de Robert, além de seu agente.

dados de Cássio⁸ haviam chegado. Estavam todos sentados sob a sombra embaixo de uma das muitas árvores que lá existem. Em pé, junto à comissão técnica, ouvia atentamente as palavras do treinador que tratavam da atuação da equipe no sábado anterior, já que naquele dia fariam um coletivo⁹ e os “erros e acertos da partida” – nas palavras de Cássio – precisavam ser revistos. Numa das pausas para checar alguns dados com a comissão técnica, o coordenador Luís aproveitou-se e fez um balanço sobre como andava parte da vida extracampo daquele grupo. Quando perguntados sobre quantos haviam ido à escola no dia anterior, não mais que quinze deles levantaram as mãos, seguidos por um contido riso geral – eram cerca de quarenta e cinco atletas que compunham aquele elenco. Na sequência, antes do término daquela pequena reunião, o zagueiro Ricardo foi se levantando, talvez empolgado com o coletivo que se aproximava. Sem ter a permissão, foi indagado pelo treinador: “Onde vai, Ricardo? Quer falar alguma coisa?” O garoto respondeu, em meio às risadas dos colegas e evidente embaraço de sua parte, um tanto constrangido: “Vamos trabalhar, professor?” Todos logo iniciaram o aquecimento.

Esta forma de encarar aquela prática diária recebe forte cobrança condizente com um ambiente no qual o alto rendimento é buscado a todo momento. Apresentamos alguns breves flagrantes do cotidiano em Itaguaí, simples exemplos que esclarecem o nível de cobrança a que esses garotos são submetidos. São episódios corriqueiros e que acontecem diversas vezes num dia de treinamento. Durante um coletivo, o meio campo Luquinhas assumiu a lateral direita momentaneamente, pela saída do titular Foguete, lesionado. Logo em sua primeira jogada, foi à linha de fundo com muita volúpia e velocidade. Quando seu cruzamento parou nas mãos do goleiro e ele estacionou fora do campo, bufando de cansaço, vi o preparador físico André se levantar de onde estava e caminhar em direção a Luquinhas, aos gritos: “E a volta?! Eu quero ver a volta! Não quero nem saber da ida!”, cobrando certa dose de responsabilidade defensiva do meio campista que, por hora, cobria a posição de lateral. A cobrança se deu sobre o comportamento deste lateral, que além de atacar pelo lado do campo, deve recompor-se junto à linha defensiva após a investida. O garoto, mesmo exausto e desacostumado com aquela obrigação, pôs-se a tentar iniciar o caminho de volta a sua linha de defesa, aos trotes. Ainda naquele dia o mesmo Luquinhas cobrou um escanteio. Mal feita

8 Cássio Alves de Barros (17/01/1970) nasceu no Rio de Janeiro e foi lateral esquerdo. Atuou pelo próprio Vasco, Santos, Fluminense, Goiás e Stuttgarter Kickers (Alemanha). À época Cássio era o treinador do infantil, como estamos vendo. Atualmente ele dirige os juvenis do Vasco.

9 Coletivo é a atividade que configura uma simulação de uma partida oficial: são onze jogadores de cada lado, divididos entre a equipe reserva e a titular, que se enfrentam. Normalmente é realizado pouco antes de uma partida, para treinar situações reais de jogo.

a primeira cobrança, teve de repeti-la. Mais um insucesso e, sob silêncio de todos os companheiros que aguardavam dentro da área pela bola, bateu o terceiro tiro de canto. O técnico Tornado¹⁰ berrava de longe: “Capricha, Luquinhas! Vamos trabalhar sério”. O garoto bateu, ao todo, sete escanteios, até acertar. Numa atividade que contemplava chutes a gol surgiu uma bola espirrada após a defesa do goleiro e que subiu até muito alto, tomando a direção de um grupo de atletas sentados atrás do campo. O preparador físico André Portela grita, encorajando-os: “Domina! Domina!” O meio campo Danilo, ainda sentado, tenta domar aquela difícil bola, envolta em rebulições sobre si mesma, com bastante efeito. Não consegue e ela escapa para ainda mais longe. André gritou: “Vai buscar agora!”, seguido por uma gargalhada geral. E o zagueiro titular Bruce, poupado da segunda parte de um coletivo na antevéspera de um jogo, iniciou um treinamento de cabeçadas frontais, auxiliado por um companheiro que lhe alçava bolas e mais bolas. Ao meu lado, Tornado pergunta a André em voz baixa: “Você mandou o Bruce fazer aquilo?” Após a negativa do preparador físico, Tornado esbravejou com o garoto: “Bruce, para com essa porra! O que você tá fazendo? Eu te tirei para te poupar e tu fica aí pulando e cansando a perna? Pode parar!” Voltando-se ao seu entorno, já em tom mais ameno e ainda inconformado, disse: “Porra, qual é? Esses garotos têm que trabalhar só o que a gente mandar”.

Dentro de campo tenta-se, mais do que entender, apreender os mínimos detalhes de um aprendizado que se dá cotidianamente. Com a intenção de introduzir, ainda que brevemente, alguns apontamentos sobre técnica no futebol, falemos de Telê Santana,¹¹ treinador em duas Copas do Mundo e conhecido por lançar no mundo do futebol diversos jovens e bons jogadores, uma figura de primeiro escalão no futebol brasileiro. Ele costumava obrigar seus atletas a pegar uma bola, cada um, assim que adentrassem o campo de treino e começar a chutá-la, tocá-la, correr carregando-a com os pés, fazer embaixadas, tentar controlá-la, enfim, estar com a bola porque, dizia o velho treinador, cada vez que se toca numa, aprende-se algo. Decifra-se sua natureza e só assim consegue-se domar esta coisa. Sim, porque a bola é uma coisa criada pelo homem e que possui diversas propriedades, processuais e relacionais e da qual ele se dedica a prever reboliços, efeitos desconcertantes e trajetórias múltiplas. A bola é uma coisa que entra em ação no momento em que

10 Tornado é o apelido de Kléber Henrique de Freitas (11/05/1964) nascido no Rio de Janeiro e ex-meio-campista profissional. Atuou pelo Vasco, Ceará SC e União D. Leiria, de Portugal. Trabalhou como treinador nas categorias de base do Vasco entre os anos 2008-2012.

11 Telê Santana da Silva (1931-2006) atuou como jogador profissional entre 1951 e 1963; seguiu no futebol como treinador, entre 1969 e 1996. Foi o técnico da seleção brasileira em duas Copas do Mundo (1982 e 1986).

é tocada. Se tomada num momento isolado, estacionada sobre o relvado, nada mais é do que um objeto. Mas ao rolar, ser chutada, lançada e desejada, interage com o gramado, com os pés dos atletas, com o vento e a chuva e então temos um cenário onde as coisas acontecem, eventos, *hecceidades*.¹² Ou seja, trata-se de apreender as histórias dos que se envolvem já que, como estamos seguindo Ingold, dentre outros, a capacidade para fazer algo é adquirida por qualquer ser vivo à medida que se relaciona com seu meio.

Mesmo assim não é possível seguir todas as linhas que constroem a carreira de um futebolista, é claro. Para além das dificuldades de acesso à vida das pessoas, cada uma delas vai para um lado, cada uma tem sua intensidade, cada uma requisita uma série de intempéries para ser acessada e, portanto, etnografada. Caso atentemos apenas para um destes rastros de vida, ou o que chamamos de dom futebolístico, vê-se algo bastante interessante. Ao menos assim nos parece: senão, vejamos. Quando Lucas faz um grande gol durante uma partida (o atacante do São Paulo FC à época¹³ recebeu a bola um pouco à frente da linha do meio de campo, carregou-a por alguns metros, driblou três adversários em progressão ao gol e, antes que o quarto o alcançasse, bateu forte, no alto, sem chances para o goleiro, que apenas esboçou uma reação),¹⁴ ele assim o justificou: “Fui passando e quando vi o goleiro, chutei. O que importa é a vitória, o empenho, a superação. É complicado explicar o que passa na cabeça, *é um dom de Deus. Vem na cabeça e o corpo responde*”.¹⁵

Agora passemos a outro cenário, digamos, um outro estágio: numa típica manhã de final de março em Itaguaí, o que implica dizer que estávamos sob um sol tão intimidador quanto quente, garotos da equipe juvenil do Vasco da Gama corriam atrás da bola num treinamento coletivo. Em determinado momento, o já citado atacante Daniel, então artilheiro do Campeonato Estadual da categoria, recebe de costas para o gol, gira rápido sob a marcação e arrisca um chute de média distância. A jogada foi esteticamente bonita e, na teoria (do futebol), ele fez tudo

12 Seguindo Deleuze e Guattari, este conceito se relaciona à noção de movimento, de devir. Tudo pode afetar e ser afetado. *Hecceidade* representa “relação de movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado (...) Uma hecceidade não tem começo nem fim, nem origem nem destinação; está sempre no meio. Não é feita de pontos, mas apenas de linhas. Ela é rizoma” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 47; 50). Este conceito precisa ser aproximado a um outro, o de linhas. Acredito que ao longo do texto esta reflexão ficará implícita num programa teórico que aqui ainda considera as ideias de Tarde (2003).

13 Lucas defendeu o São Paulo FC entre 2009 e 2012, do juvenil ao profissional. Desde janeiro de 2013 atua no clube francês Paris Saint-Germain (PSG). Sua transferência registrou o pagamento de cerca de R\$ 110 milhões.

14 Oeste FC 2 x 3 São Paulo FC, jogo realizado em Presidente Prudente pelo Campeonato Paulista da série A1, em janeiro de 2012.

15 Declaração dada à imprensa esportiva após a partida. Grifos meus.

certo, ou quase tudo: com o corpo ereto e bem postado, anteviu o lance, já sabendo o que faria assim que a bola lhe chegasse aos pés, junto com a marcação; efetuou a finta com perfeição e – tudo isso com um só toque na bola – arrumou o corpo para o chute; o disparo saiu forte, *em cheio*, como se diz, e ainda quicou à frente do goleiro, o que dificultou ainda mais a defesa pela alteração de altura, direção e força sofrida pela bola com o impacto no chão; mas como o artefato não tomou a direção do canto da meta, local mais difícil para a defesa, foi agarrada pelo companheiro. O gol não saiu, mas tão logo terminada a jogada, ouviu-se o treinador Tornado gritar de longe: “Que coisa linda, garoto!” Essa foi a jogada mais elogiada em todo o treinamento daquele dia.

Nos dois casos descritos, podemos identificar a existência de uma noção cara aos fenômenos esportivos e que tem sido um de nossos objetos de estudo: o dom de se jogar. Mas esse dom não apresenta as mesmas características nos dois cenários. No primeiro, Lucas justifica uma bela jogada e um bonito gol com uma graça tomada por divina, algo sobrenatural e que lhe foi destinado e recebido quando nasceu. Ele não pensou em fazer a jogada; ela simplesmente aconteceu, como se algo o tivesse levado a carregar a bola com desenvoltura e volúpia incomum aos seus adversários e a passar por eles com certa facilidade, arrematando-a no final, colocando-a bem longe do alcance do goleiro. Já no segundo, o jovem Daniel, ainda aspirante a futebolista profissional, demonstra boa capacidade para o exercício deste esporte, algo trabalhado diariamente. No lance descrito não houve graça divina, mas muito suor, força e técnica empregada na jogada, mesmo que seu desfecho não tenha sido ideal. O elogio do treinador atesta tamanho esforço.

Ainda que pese a diferença descomunal entre os dois cenários – a saber, Lucas já era profissional e atuava por um dos maiores clubes do futebol brasileiro, além de receber mais de R\$ 100 mil mensais somente em salários e Daniel, com dezesseis anos de idade, ainda um amador no esporte que apenas treinava naquele dia, também num grande clube brasileiro – ambos demonstram a presença do dom futebolístico. Como apontou Damo (2007), os jogadores de futebol parecem deter dois tipos de dons, e cada um é acionado ou colocado em prática sob diferentes pontos de vista. O dom/dádiva é uma representação nativa e de outra ordem que não natural, seria algo inato e herdado pelo jogador, qualidade que nasce com ele, que “está dentro de você”, para utilizar uma expressão de Wacquant (2002). O dom/talento está atrelado a algo adquirido ao longo da vida do atleta e desenvolvido durante toda sua carreira. A ele se agregam outras noções, como *habitus*, capital futebolístico e técnica, e esse termo é mais utilizado pelos profissionais formadores de jovens jogadores de futebol. Como mostra o pequeno excerto acima, Daniel e todos os seus companheiros repetem chutes, passes, piques e lançamentos todos os

dias e, ao final de suas carreiras amadoras, deixarão para trás o período de aprendizado e atingirão o nível profissional, onde seu dom será possivelmente reconhecido e valorizado, o que ainda não acontece, pelo menos não da forma como poderia ser.

O que apresentamos nestas poucas linhas trata o dom futebolístico de modo a se distanciar um pouco dessa visão. É preciso reconhecer a importância e a presença da noção de talento e dádiva no meio futebolístico, amador e profissional, tão usados, mas aqui elas se apresentam de forma mais diluída. Explico: na esteira daquilo que já se verificou (PALMIÉRI, 2009), quando o dom futebolístico se mostrou multifacetado e agregado a três noções diferentes (carisma, valor e talento), nesta etnografia observamos um quadro no qual esta representação é acionada de diferentes perspectivas, por diferentes interlocutores – família, agentes, dirigentes de clubes, treinadores, especialistas e os próprios atletas – em diferentes momentos. Não se trata de se separar o dom/dádiva e o dom/talento. Não se pode dizer que alguns atores falam somente em dádiva ou em presente de Deus e outros somente em talento, capacidade técnica e habilidade. O dom é mais fluido que isso, é uma representação que perpassa essas divisões teóricas e, por isso mesmo, é difícil traçar seu perfil e identificá-lo aqui e ali. O que se viu em campos brasileiros e sul-americanos (uruguayos e argentinos) nos leva a interpretar esta representação de acordo com o transcurso de seus detentores à medida que suas vidas correm. Não se trata, portanto, de um atributo técnico ou de uma graça recebida de alguma entidade cosmológica, apenas, mas, no limite, da própria história de vida dos jogadores. Evidentemente, surgem aqui e acolá variadas interpretações sobre este fenômeno, por todos aqueles que estão, de alguma forma, envolvidos, que têm ou tiveram, em algum momento de suas vidas e em maior ou menor intensidade, *contato* com o dom de um jogador de futebol. O que quero dizer é que a noção de dom no futebol é construída aos poucos, desde que o praticante começa a jogar futebol, seja lá onde for, até que isso o leve ao nível profissional – é sobre este possível fim que nos debruçamos a observar. Neste percurso, muitas coisas acontecem, o dom *sofre* transformações e interpretações variadas e vai sendo moldado por todo o caminho, de diferentes maneiras, na interação com diferentes atores, o que resulta em diferentes relações. De fato, procuramos mostrar aqui que o dom futebolístico, por vezes tido como uma propriedade, tem a potência de alterar a forma com que as pessoas o interpretam: “*its value shifts*” (GRAEBER, 2001, p. 41).

UM ENCERRAMENTO POR AGORA

Em alguma medida buscou-se mostrar aqui que o futebol aglutina uma série de forças pelas quais se podem perceber os caminhos seguidos por aqueles que o praticam,

sempre pensando no nível profissional ou em sua busca. Os futebolistas, estes tais praticantes, o fazem desde muito cedo. Dedicam suas vidas a isso. Quer-se mostrar que essa aura ou atmosfera que o futebol propõe para a vida de alguns lhes é anterior. Pensando em e praticando antropologia, somos levados a buscar pelas generalizações, os fatos comuns que podem definir um quadro social, um ajuntamento de pessoas que se parecem, que dividem valores, enfim, que dividem cultura. Percebemos como jovens futebolistas se parecem, embora existam pequenas diferenças de acordo com o cenário observado – isto fica claro se compararmos a pequenez são-carlense à grandeza vascaína.¹⁶ O Vasco é de outro nível, embora de mesma natureza. Por lá passam mais aspirantes. É um clube com mais história, o que significa dizer que há mais relações condensadas sob sua égide. É maior e mais denso, portanto.¹⁷

Mas consideramos esses atletas como membros de um grupo bastante homogêneo: portam-se de maneiras semelhantes, cultivam hábitos parecidos em relação ao consumo de itens como vestuário, enfim, compartilham gostos e interesses, problemas e conquistas. O sonho também é o mesmo e a dificuldade, quando superada, o é quase sempre da mesma forma, ao se voltarem para a família retribuindo com parte daquilo que foi amealhado. Até mesmo a relação entre clubes que parecem tão distantes não só é possível como provável, tais são as movimentações. O já citado atacante Lucão passou o segundo semestre de 2012 treinando no Grêmio, outro grande clube brasileiro; o outrora atacante são-carlense Thiago foi emprestado e defende outro time de Porto Alegre, o Internacional; o goleiro André, após uma Copa São Paulo na qual seu clube enfrentou o Corinthians na primeira fase foi contratado e atuou por um ano pelo alvinegro da capital; atualmente está de volta ao São Carlos, já profissional. O futebol permite esses deslocamentos. Seguindo Marcus (1991), é preciso atentar-se nesta etnografia para as diferenças e semelhanças entre os aspectos locais e globais. Trabalhos como este, que analisam parte das chamadas sociedades modernas e urbanas precisam abandonar uma perspectiva que se debruça sobre a experiência vivenciada em nível local e, ao invés, adotar um ponto de vista global. Isso pode fazer com que pensemos como as identidades coletivas e individuais interagem e se relacionam com nossas vistas,

16 Ou ainda as escolas brasileira e uruguaia, quando confrontadas entre si.

17 Como mote de comparação: entre 2010 e 2011 o São Carlos FC realizou alguns testes com vistas a formar suas equipes infantil e juvenil para a disputa do Campeonato Paulista das categorias. O coordenador Thomas Tinton afirmou que cerca de mil garotos passaram pelo clube, no referido período, na tentativa de seguir carreira. O Internacional, um clube de tamanho semelhante ao Vasco, fez um trabalho parecido, considerando o mesmo período, com cerca de quatro mil garotos. São Carlos e Inter, inclusive, mantiveram uma parceria na qual intercambiavam atletas de base naquela época.

o que talvez enriqueça a percepção que aqui apresento. A ideia é pensarmos de acordo com este autor, que se utiliza das *etnografias multissituadas*.

Embora os futebolistas de um mesmo clube sejam de diversos locais do país, de diferentes classes sociais e com diferentes histórias de vida, quando estão ali dividindo o alojamento, o vestiário e o campo o fazem de acordo com seu trabalho, atividade que partilham durante parte de suas vidas. Caso aproximemos nosso olhar, veremos unidades frágeis e abertas às forças que pairam sob, sobre e através de suas vidas. Os estágios a serem ultrapassados configuram-se, assim nos parece, como conjuntos de eventos, acontecimentos caracterizados por incontáveis idas e vindas, aprendizados, contatos, trocas, fluxos e, no limite, movimentos. Esses atletas são como unidades sujeitas a alterações, modificações e desterritorializações à medida que suas carreiras correm no universo do futebol. A ideia de carreira, aliás, pressupõe exatamente isso, o curso, a *trajetória* e as linhas.

Como não pensar em movimento, então? Deixei Itaguaí em abril de 2012 e quando retornei, em novembro, fui barrado na porta do ct-fazenda. João, o caseiro que administra o local, amigavelmente me disse que não teria acesso naquele dia simplesmente porque não tinha permissão; meu antigo interlocutor, o agora ex-coordenador das categorias de base Humberto Costa, havia deixado o clube e foi substituído por Mauro Galvão, ex-zagueiro com passagem vitoriosa pelo clube. Perdi aquele feixe, aquele rastro de vida pelo qual acessei aquele nicho futebolístico. Humberto se foi e foi preciso conectar-me a uma nova linha. O que aconteceria com este trabalho se esse trilho se perdesse?

O futebol é como uma mancha, uma massa de energia que paira sobre um grupo de pessoas. Este esporte aglutina diversas vidas que estão sob sua influência. São muitas e estão de alguma forma interligadas pelas ações de muitos e muitos agentes. E é tudo recíproco. Suas vidas são apresentadas ao leitor em linhas que se orientam livremente, sem previsão e sem rumo, tocando-se e sendo alteradas a cada vez que se chocam, produzindo diversas consequências. Conseguimos mirar alguns desses encontros. Uma imagem é bastante rica quando nos dedicamos a observá-la, mas penso que a ideia de imagem não cabe aqui. Não é de um retrato que se trata, é da vida desses nossos interlocutores do futebol. Nossos personagens não estão fotografados numa paisagem social de alguma forma por nós concebida e aqui descrita. Estamos, sim, admirando algo que está em movimento. É mais fiel pensarmos em um filme que se mostra aos nossos olhos. Um filme sem reprise, sem pausa e sem cortes.

Em algum nível podemos nos aproximar daquilo descrito por Bateson sobre um povo da Nova Guiné – os Iatmul – e reproduzir tais ideias de modo a enxergar no cenário de vida de jovens futebolistas um estrato que aglutina, ou melhor,

que agrega uma série de pequenas células imbricadas entre si em emaranhados de relações. A linha teórico-argumentativa aqui utilizada caminha junto à fala do etnólogo inglês:

Um ser humano chega ao mundo com potencialidades e tendências que podem ser desenvolvidas em várias direções, e é perfeitamente possível que indivíduos diferentes tenham potencialidades diferentes. A cultura em que ele nasce enfatiza algumas de suas potencialidades e suprime outras, além de atuar seletivamente, favorecendo os indivíduos mais bem dotados com as potencialidades preferidas na cultura e discriminando os que apresentam tendências estranhas. Dessa maneira a cultura padroniza a organização das emoções. (BATESON, 2008, p. 169)

Veja, não estamos aqui propondo o termo *cultura futebolística*, mesmo porque pensar em *cultura* já pressupõe complicados debates e inserções teóricas que aqui não nos cabem, pelo menos não neste momento. Mas o fato é que vemos este esporte, talvez o mais popular do mundo, apenas como a expressão de um estrato que tensiona e de algum modo controla uma série de relações, uma série de pedaços ou feixes de vidas. E, como visto em campo, uma ou outra destas vidas, em algum momento, pode tomar um rumo inesperado e escapar a esta nuvem de relações. Há um sem número de outras forças – ou outras manchas, outras massas – estamos certos, que também exercem influência e moldam a experiência e as sensações destes mesmos futebolistas e, evidentemente, de todas as outras pessoas e coisas. Da parte que nos cabe, ao menos, temos aqui uma breve percepção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATESON, Gregory. *Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. (coord.) *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed. Anpocs, 2007.
- DELEUZE & GUATTARI. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira et alii. v. 1, 2, 3, 4, 5. São Paulo: Editora 34, 1995.
- GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. New York: Oxford University Press, 1998.
- GRAEBER, David. *Toward an anthropological Theory of Value: the false coin of our dreams*. New York: Palgrave, 2001.

- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge, 2002.
- _____. *Lines: a brief history*. New York: Routledge, 2007.
- _____. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. New York: Routledge, 2011.
- _____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Trad. Letícia Cesarino. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun, 2012.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A antropologia diante dos problemas do mundo moderno*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final no século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia*. USP, v. 34, p. 197-221, 1991.
- _____. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, California, v. 24, p. 95-117, 1995.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- PALMIERI, Júlio C. J. *Quanto vale um talento? Uma análise antropológica sobre a valorização e circulação dos jogadores de futebol profissional no mercado esportivo*. Dissertação de mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFSCar), 2009.
- PEIRANO, Mariza. Antropologia no Brasil (Alteridade Contextualizada). In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, v. 1, Antropologia. São Paulo: Editora Sumaré (Anpocs), 1999. p. 225-266.
- TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*. Trad. Tiago Themudo. Petrópolis: Vozes, 2003.
- TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Trad. Angela Ramalho. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.

Recebido em 30.09.2013

Aceito em 25.11.2013